



SECA NO AMAZONAS: Vulnerabilidade dos povos que cuidam das florestas e dos rios

A nossa ciência tradicional, que é fruto de milhares de séculos de manejo e convivência com a floresta, há anos alerta para os riscos aos quais um modelo de desenvolvimento insustentável e ultrapassado, que visa apenas o lucro, expõe a Amazônia, seus povos – nas aldeias e nas cidades – e sua biodiversidade. Nós, povos indígenas, estamos vivendo os efeitos das mudanças climáticas há bastante tempo e há anos falamos sobre isso para o mundo, só que muitos insistem em não ouvir. Quando lutamos contra projetos que violam nossos direitos, nossos territórios e nossos modos de vida, estamos lutando pela nossa Terra Mãe. O planeta depende da saúde da Amazônia, e ela está doente. Quem duvidava do nosso conhecimento ancestral agora pode testemunhar o colapso ambiental aqui no Amazonas. Por isso, a Articulação das Organizações e Povos Indígenas do Amazonas (APIAM) e a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) reforçam: Estamos vivendo uma EMERGÊNCIA CLIMÁTICA!

A cada ciclo, os impactos das mudanças climáticas são piores e mais profundos. Este está sendo o pior ano de todos: o clima está a cada dia mais quente, os rios estão mais secos e os peixes, que antes eram abundantes, agonizam e morrem por falta de água! No estado com a maior população indígena e a maior área de floresta preservada no Brasil, todos os rios distribuídos nas calhas do Amazonas, Solimões, Negro, Madeira, Juruá e Purus estão secando em tempo recorde, enquanto a floresta queima dia e noite, sufocando nossas cidades, comunidades e aldeias com fumaça e afetando a saúde, principalmente, de nossas crianças.

Ainda não estamos nem perto do fim dessa vazante e os impactos já são avassaladores. A seca já afeta direta e indiretamente todos os 63 povos indígenas do Amazonas, impedindo o acesso de nossos anciãos e crianças a direitos básicos, como saúde e educação, e com impacto direto na produção de alimentos. Nossas roças estão secas, a caça está desaparecendo e os peixes, nossa base alimentar e importante fonte de renda de muitos parentes, estão morrendo.

Não resta água nem para o consumo e, onde tem, é uma água misturada com lama, de péssima qualidade, que contribui para o aumento de doenças. Hoje, precisamos recorrer aos governos e parceiros para nos apoiar, com doações de alimentos, caixas d'água, mangueiras e bombas d'água para abastecer as famílias que dependiam da água dos rios. A qualidade da água para consumo, que já era péssima, ficou ainda pior. A seca escancarou, também, o quão carentes somos de políticas públicas que viabilizem o acesso a água potável em nossas aldeias e comunidades.

Os rios secos também impedem o acesso de equipes de saúde às comunidades e aldeias – as equipes de saúde dos DSEIs estão ilhadas, sem condições de viajar para as áreas e fazer os atendimentos necessários. Sem os rios que nos conectam, todos ficamos isolados, até as escolas param. E, de acordo com nossos especialistas indígenas, as chuvas talvez cheguem entre o fim de novembro e o início de dezembro. Talvez.



A seca está se espalhando para outros estados da Amazônia. Nossos parentes relatam seca em outros grandes rios, no Pará, no Acre, em Roraima. A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), recebe diariamente os relatos e as tristes imagens de rios secos, peixes mortos e todos os problemas derivados dessa estiagem em toda a Amazônia, sem contar nos incêndios nas florestas, que também matam animais, plantas e rios.

Em meio a essa realidade catastrófica, ainda precisamos lutar contra atrocidades e genocídios que vêm sendo perpetuados nas Assembleias estaduais, na Câmara dos Deputados e no Senado e que atentam contra nossas vidas, nossos territórios, a biodiversidade, a água e a própria vida no planeta ao insistirem na aprovação de leis que violam nossos direitos constitucionais e promovem atividades predatórias, como a mineração dentro de terras indígenas, que ameaça diversos povos no Amazonas. Se a única saída para a crise do clima é proteger as florestas, e os povos indígenas são os guardiões de 80% da biodiversidade do mundo, o que nos fere ameaça, também, o planeta.

Nossos alertas não foram ouvidos, mas somos resilientes e insistimos para que parem de nos matar. Pedimos aos governos da Amazônia, do Brasil e do mundo que declarem emergência climática e façam algo urgentemente para enfrentar a enorme vulnerabilidade climática e social a que estão expondo os povos indígenas e populações tradicionais. Mais do que sermos integrados aos debates climáticos, precisamos de ações e medidas sérias, concretas, sustentáveis e urgentes, de curto, médio e longo prazo, para mitigar as perdas e danos dos impactos iminentes. Se não puderem fazer por nós, façam por vocês, pois nossos futuros estão interligados – ambos dependem da floresta.

Mariazinha Baré

Coordenadora da Articulação das Organizações e Povos Indígenas do Amazonas
(APIAM)

Toya Manchineri

Coordenador-geral da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia
Brasileira (COIAB)